



## PANDORA Y LA CONSTRUCCIÓN DEL IDEAL EL VESTIDO Y EL ADORNO COMO MARCAS IDENTITÁRIAS

MARÍA CECILIA COLOMBANI  
Universidad de Morón

## NO RASTRO DE AUGUSTO MERCÚRIO

PAULO MARTINS  
Universidade de São Paulo



## Imagens da Capa

A Criação de Pandora. Detalhe.

[Pintor dos Nióbidas], c. 460-450 a.C.  
Kratêr de Cálice, cerâmica ática de figuras vermelhas.  
Londres, British Museum, 1856,1213.1

Coroação de Augusto pela *Oikoumene* personificada, entre os deuses. Detalhe

[Dioscúrides?], c. 9-12  
Camafeu, baixo-relevo sobre ónix.  
Viena, Kunsthistorisches Museum, Antikensammlung IX A 79

# MARÍA CECILIA COLOMBANI

Universidad de Morón  
[ceciliacolombani@hotmail.com](mailto:ceciliacolombani@hotmail.com)

## PANDORA Y LA CONSTRUCCIÓN DEL IDEAL EL VESTIDO Y EL ADORNO COMO MARCAS IDENTITARIAS

El proyecto del presente trabajo consiste en pensar la dimensión del poder femenino en el marco de relaciones políticas, tal como parece darse en el relato mítico. Tal como sostiene M. Foucault, el poder es una estructura productora; se trata de la dimensión realizadora del poder que produce sujetos, objetos de conocimiento, prácticas, discursos, representaciones simbólicas. Se trata de un poder positivo, productor de efectos y transformaciones sobre lo real, alejado de una visión negativa e interdictiva del mismo, exclusivamente asociado a diagramar el trazo de la prohibición. En este marco, tomaremos el tópico del vestido y del adorno de Pandora, la primera novi de Occidente, como una de esas representaciones producidas al abrigo de una ficción cultural. Proponemos entonces una lectura política del tópico, tratando de mostrar cómo el vestido y el adorno constituyen los pilares de un poder de seducción que genera efectos sobre lo real. En segundo lugar proponemos un recorrido por el mito como *logos* significativo para descubrir en él una usina productora de sentido. El mito constituye una fuente problematizadora por excelencia de las relaciones entre género y poder.

## BIBLIOGRAFIA DE APROFUNDAMENTO

- Colombani, María Cecilia. 2016. *Hesíodo. Discurso y Linaje. Una aproximación arqueológica*. Mar del Plata: Eudem.
- . 2013. “Conflictos y poderes familiares en *Teogonía*. Una excavación del dispositivo vincular hesiódico.” In *El oïkos violentado. Genealogías conflictivas y perversiones del parentesco en la literatura griega antigua*, eds. E. Rodríguez Cidre, E. Buis et A. Atienza. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras.
- . 2008. “El papel de Tierra en *Teogonía*. Poder y resistencia: el modelo de la batalla perpetua.” *Nuntius Antiquus* 1:59-75.
- . 2005. *Hesíodo. Una introducción crítica*. Buenos Aires: Santiago Arcos.
- Detienne, Marcel. 1986. *Los maestros de verdad en la Grecia Arcaica*. Madrid: Taurus.
- Foucault, Michel. 1992. *Las redes del poder*. Buenos Aires: Almagesto.
- Neschke, Ada. 1993. “Dikè. La philosophie poétique du droit dans le ‘mythe des races’ d’Hésiode.” In *Le métier du mythe. Lectures d’Hésiode*. Dir. F. Blaise, P. Judet de La Combe et P. Rousseau, 465-478. Paris: Presse Universitaires du Septentrion.
- Pinheiro, Ana Elias, et Ferreira, José Ribeiro, trans. 2005. Hesíodo. *Teogonia. Trabalhos e os Dias*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Vernant, Jean-Paul. 1976. *Los Orígenes del pensamiento grego*. Buenos Aires: EUDEBA.

## EXCERTOS DE HESÍODO

Hes. *Th.* 510-616, trans. Pinheiro et Ferreira 2005, 58-61.

Depois deu à luz o ilustre Menécio e Prometeu,  
Engenhoso e fértil em enganos, e o desastrado Epimeteu,  
que, desde o início, fora um mal para os homens que comem pão,  
pois foi ele o primeiro a receber, moldada por Zeus, a mulher  
virgem. Ao insolente Menécio, Zeus que vê ao longe  
enviou-o para o Érebo, atirando-lhe o seu raio incandescente,  
por causa da sua insensatez e enorme arrogância.  
Atlas segura o vasto céu, por imperiosa necessidade,  
nos confins da terra, de frente para as Hespérides de voz cristalina;

segura-o com a cabeça e com as mãos infatigáveis,  
porque esse é o destino que o prudente Zeus lhe determinou.  
A Prometeu fértil em engenhos prendeu-o com indestrutíveis laços  
e dolorosas correntes colocadas no meio de uma coluna.  
Depois, lançou contra ele uma águia de longas asas; ela comia-lhe  
o fígado imortal, e ele crescia outra vez, todas  
as noites, em tudo igual ao que, no dia anterior, comera a ave de asas velozes.  
Mas o valente filho de Alcmena de belos tornozelos,  
com o consentimento de Zeus Olímpico de trono sublime,  
para que fosse ainda maior a glória de Hércules, nascido em Tebas,  
que há antes se estendia sobre a terra que tudo produz.  
Agindo assim, ele honrou o seu nobre filho  
e, embora irritado, cessou a cólera que antes sentia  
por ele ter discordado dos desígnios do poderoso filho de Cronos.  
De facto, quando os deuses e homens mortais se separaram,  
em Meconia, então, com o ânimo determinado, o Titã ofereceu  
um grande boi, depois de o dividir, para pôr à prova a inteligência de Zeus:  
assim, num dos lados colocou as carnes e as vísceras gordas,  
debaixo da pele, escondendo-as no estômago do boi;  
no outro, num pérfido ardil, dispôs os ossos brancos do boi,  
disfarçando-os com gordura brilhante, e apresentou-lhos.  
Disse-lhe, então, o pai dos homens e dos deuses:  
«Filho de Jápeto, notável entre todos os soberanos,  
meu amigo, como de modo desigual dividiste os lotes!»  
Assim falou, com ironia, Zeus que conhece os desígnios imortais.  
Respondeu-lhe Prometeu de pensamentos tortuosos,  
com um leve sorriso, sem esquecer o seu pérfido ardil:  
«ó grandes Zeus, o maior de toos os deuses que vivem sempre,  
escolhe das duas partes aquela que, no teu espírito, o teu coração decida.»  
Assim falou, astucioso. Mas Zeus que conhece os desígnios imortais  
percebeu e não ignorou o engano; e no seu coração determinou males  
para os homens mortais, que pronto haveriam de se cumprir.  
Com ambas as mãos, levantou a branca gordura.  
A mesmo tempo, enfureceu-se-lhe o espírito e a ira encheu-lhe o coração  
quando viu os ossos brancos do boi, num pérfido ardil.  
Desde então, a raça dos homens que habita a terra  
queima aos Imortais os ossos brancos, sobre altares fumegantes.  
Indignado, disse-lhe Zeus que amontoa as nuvens:  
«Filho de Jápeto, que conheces os desígnios sobre todas as coisas,  
meu amigo, não esqueceste ainda as tuas pérfidas manhas!»  
Assim falou, irritado, Zeus que conhece os desígnios importais

e, desde então, lembrando sempre este engano,  
negou aos freixos a força do fogo incansável  
para os homens mortais, que habitam sobre a terra.  
Mas o nobre filho de Jápeto iludiu-o,  
roubando o brilho do fogo incansável que se vê ao longe  
numa cana oca. Assim, atingiu de novo o ânimo  
de Zeus que amontoa as nuvens e irritou-se-lhe o coração querido,  
quando viu, no meio dos homens, o brilho do fogo que se vê ao longe.

Depressa, em troca do fogo, ele criou para os homens um mal:  
de terra, modelou o ínclito Anfigieiu,  
por vontade do Crónida, a imagem de uma virgem casta.  
A deusa Atena de olhos garços cingiu-a e ornamentou-a  
com um alvo vestido; cobriu-a desde a cabeça  
com um véu admirável, feito à mão, maravilha de se ver.  
[Com coroas frescas e encantadoras,  
feitas de flores, cobriu-lhe a fronte Palas Atena.]  
À volta da cabeça, colocou-lhe uma coroa de ouro  
que o ínclito Anfigieiu fabricou, ele próprio,  
lavrando-a com as suas mãos hábeis, para agradar a Zeus pai:  
nela gravou inúmeros labores artísticos, maravilha e se ver,  
monstros sem conta que a terra cria, ou o mar;  
desses esculpiu ele imensos – e em todos a graça brilhava –,  
uma maravilha, semelhantes a seres vivos dotados de voz.  
Então, depois de criar um belo mal, disfarçado de bem,  
levou-a para onde estavam os outros deuses e os homens,  
bem ornamentada pela deusa dos olhos garços, filha do Pai Poderoso.  
O espanto apoderou-se dos deuses imortais e dos homens mortais  
quando viram o duro engano, irresistível para os homens.  
Pois dela provém a raça das delicadas mulheres,  
[Dela provém de facto a maldita estripe e raça das mulheres]  
flagelo terrível que habita entre os homens mortais,  
não companheiras da Pobreza funesta, mas da Abundância.  
Tal como quando, nas colmeias abobadadas, as abelhas  
Alimentam os zangões, ocupados em obras menores  
– durante todo o dia, até ao cair do sol, elas  
se afadigam, dia após dia, a fabricar a cera branca  
enquanto eles permanecem no interior dos favos,  
enchendo o estômago com o fruto do trabalho alheio –,  
assim também, para mal dos homens mortais, criou  
Zeus que amontoa as nuvens e as mulheres ocupadas em obras

mesquinhas. E outro mal lhes deu ainda, em vez de um bem: aquele que, evitando as núpcias e as obras penosas das mulheres, não quer casar, ao chegar a velhice funesta não tem quem cuide dele; a esse não lhe falta alimento enquanto vive, mas quando morre os parentes delapidam-lhe o património. O outro, pelo contrário, a quem foi destinado o casamento poderá encontrar uma esposa prudente, dotada de bom senso, mas mesmo esse, toda a vida, verá o mal rivalizar com o bem. Mas aquele que arranjou uma de natureza maléfica, esse vive com uma aflicção constante no peito, no ânimo e no coração, e o seu mal não tem remédio. Assim, não é possível iludir a inteligência de Zeus, nem escapar-lhe. E nem o filho de Jápeto, o benfeitor Prometeu, escapou à sua pesada cólera e, por necessidade, ainda que astuto, se viu preso a uma grande corrente.

τίκτε δ' ὑπερκύδαντα Μεινοίτιον ἠδὲ Προμηθεά,  
ποικίλον αἰολόμητιν, ἀμαρτίνοόν τ' Ἐπιμηθεά·  
ὃς κακὸν ἐξ ἀρχῆς γένητ' ἀνδράσιν ἀλφηστῆσι·  
πρῶτος γάρ ῥα Διὸς πλαστήν ὑπέδεκτο γυναῖκα  
παρθένον. ὑβριστὴν δὲ Μεινοίτιον εὐρύοπα Ζεὺς  
εἰς ἔρεβος κατέπεμψε βαλὼν ψολόεντι κεραυνῷ  
εἶνεκ' ἀτασθαλίας τε καὶ ἠγορέης ὑπερόπλου.  
Ἄτλας δ' οὐρανὸν εὐρὺν ἔχει κρατερῆς ὑπ' ἀνάγκης,  
πέiraσιν ἐν γαίῃς πρόπαρ' Ἑσπερίδων λιγυφώνων  
ἐστηώς, κεφαλῇ τε καὶ ἀκαμάτησι χέρεσσι·  
ταύτην γάρ οἱ μοῖραν ἐδάσσατο μητιέτα Ζεὺς.  
δῆσε δ' ἀλυκτοπέδησι Προμηθεά ποικιλόβουλον,  
δεσμοῖς ἀργαλέοισι, μέσον διὰ κίον' ἐλάσσας·  
καὶ οἱ ἐπ' αἰετὸν ὄρσε τανύπτερον· αὐτὰρ ὃ γ' ἦπαρ  
ἦσθιεν ἀθάνατον, τὸ δ' ἀέξετο ἴσον ἀπάντη  
νυκτός, ὅσον πρόπαν ἦμαρ ἔδοι τανυσίπτερος ὄρνις.  
τὸν μὲν ἄρ' Ἀλκμήνης καλλισφύρου ἄλκιμος υἱὸς  
Ἡρακλῆς ἔκτεινε, κακὴν δ' ἀπὸ νοῦσον ἀλαλκεν  
Ἰαπειτιονίδη καὶ ἐλύσατο δυσφροσυνάων,  
οὐκ ἀέκητι Ζηνὸς Ὀλυμπίου ὑψι μέδοντος,  
ὄφρ' Ἡρακλῆος Θηβαγενέος κλέος εἶη  
πλεῖον ἔτ' ἢ τὸ πάροιθεν ἐπὶ χθόνα πουλυβότειραν.  
ταῦτ' ἄρα ἀζόμενος τίμα ἀριδείκετον υἱόν·  
καὶ περ χωόμενος παύθη χόλου, ὄν πρὶν ἔχεσκεν,

οὐνεκ' ἐρίζετο βουλὰς ὑπερμενεί Κρονίῳνι.  
καὶ γὰρ ὄτ' ἐκρίνοντο θεοὶ θνητοὶ τ' ἄνθρωποι  
Μηκόνῃ, τότε ἔπειτα μέγαν βοῦν πρόφρονι θυμῷ  
δασσάμενος προύθηκε, Διὸς νόον ἐξαπαφίσκων.  
τῷ μὲν γὰρ σάρκας τε καὶ ἔγκατα πίονα δημῷ  
ἐν ῥίνῳ κατέθηκε, καλύψας γαστρὶ βοεΐη,  
τοῖς δ' αὐτ' ὅστέα λευκὰ βοὸς δολίῃ ἐπὶ τέχνῃ  
εὐθετίσας κατέθηκε, καλύψας ἀργέτι δημῷ.  
δὴ τότε μιν προσέειπε πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε·  
“Ἰαπετιονίδη, πάντων ἀριδείκετ' ἀνάκτων,  
ὃ πέπον, ὡς ἕτεροζήλως διεδάσσαι μοίρας.”  
ὣς φάτο κερτομέων Ζεὺς ἄφθιτα μῆδεα εἰδῶς·  
τὸν δ' αὖτε προσέειπε Προμηθεὺς ἀγκυλομήτης,  
ἦκ' ἐπιμειδήσας, δολίης δ' οὐ λήθετο τέχνης·  
“Ζεῦ κύδιστε μέγιστε θεῶν αἰγιγενετάων,  
τῶν δ' ἔλευ ὀπποτέρῃν σε ἐνὶ φρεσὶ θυμὸς ἀνώγει.”  
φῆ ῥα δολοφρονέων· Ζεὺς δ' ἄφθιτα μῆδεα εἰδῶς  
γνῶ ῥ' οὐδ' ἠγνοίησε δόλον· κακὰ δ' ὄσσετο θυμῷ  
θνητοῖς ἀνθρώποισι, τὰ καὶ τελέεσθαι ἔμελλε.  
χερσὶ δ' ὄ γ' ἀμφοτέρησιν ἀνειλετο λευκὸν ἄλειφαρ,  
χῶσατο δὲ φρένας ἀμφί, χόλος δὲ μιν ἴκετο θυμόν,  
ὡς ἴδεν ὅστέα λευκὰ βοὸς δολίῃ ἐπὶ τέχνῃ.  
ἐκ τοῦ δ' ἀθανάτοισιν ἐπὶ χθονὶ φύλ' ἀνθρώπων  
καίουσ' ὅστέα λευκὰ θηγόντων ἐπὶ βωμῶν.  
τὸν δὲ μέγ' ὀχθήσας προσέφη νεφεληγερέτα Ζεὺς·  
“Ἰαπετιονίδη, πάντων πέρι μῆδεα εἰδῶς,  
ὃ πέπον, οὐκ ἄρα πῶ δολίης ἐπελήθεο τέχνης.”  
ὣς φάτο χωόμενος Ζεὺς ἄφθιτα μῆδεα εἰδῶς.  
ἐκ τούτου δῆπειτα χόλου μεμνημένος αἰεὶ  
οὐκ ἐδίδου μελήσι πυρὸς μένος ἀκαμάτοιο  
θνητοῖς ἀνθρώποις οἳ ἐπὶ χθονὶ καιεταόουσιν·  
ἀλλὰ μιν ἐξαπάτησεν ἐὺς πάις Ἰαπετοῖο  
κλέψας ἀκαμάτοιο πυρὸς τηλέσκοπον αὐγῆν  
ἐν κοίλῳ νάρθηκι· δάκεν δ' ἄρα νειόθι θυμὸν  
Ζῆν' ὑψιβρεμέτην, ἐχόλωσε δὲ μιν φίλον ἦτορ,  
ὡς ἴδ' ἐν ἀνθρώποισι πυρὸς τηλέσκοπον αὐγῆν.  
αὐτίκα δ' ἀντὶ πυρὸς τεύξεν κακὸν ἀνθρώποισι·  
γαίης γὰρ σύμπλασσε περικλυτὸς Ἀμφιγυΐης  
παρθένῳ αἰδοίῃ ἴκελον Κρονίδεω διὰ βουλὰς·  
ζῶσε δὲ καὶ κόσμησε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη



ἀργυφὴ ἐσθῆτι· κατὰ κρήθην δὲ καλύπτρην  
δαιδαλέην χεῖρεςσι κατέσχεθε, θαῦμα ιδέσθαι·  
[ἀμφι δὲ οἱ στεφάνους νεοθηλέας, ἄνθεα ποίης,  
ἱμερτοὺς περίθηκε καρῆατι Παλλάς Ἀθήνη·]  
ἀμφι δὲ οἱ στεφάνην χρυσέην κεφαλῆφιν ἔθηκε,  
τὴν αὐτὸς ποίησε περικλυτὸς Ἀμφιγυῆεις  
ἀσκήσας παλάμησι, χαριζόμενος Διὶ πατρί.  
τῇ δ' ἐνὶ δαίδαλα πολλὰ τετεύχατο, θαῦμα ιδέσθαι,  
κνώδαλ' ὅσ' ἤπειρος δεινὰ τρέφει ἠδὲ θάλασσα·  
τῶν ὃ γε πόλλ' ἐνέθηκε, χάρις δ' ἐπὶ πᾶσιν ἄητο,  
θαυμάσια, ζωοῖσιν ἐοικότα φωνήεσσιν.  
αὐτὰρ ἐπεὶ δὴ τεῦξε καλὸν κακὸν ἀντ' ἀγαθοῖο,  
ἐξάγαγ' ἔνθά περ ἄλλοι ἔσαν θεοὶ ἠδ' ἄνθρωποι,  
κόσμῳ ἀγαλλομένην γλαυκώπιδος Ὀβριμοπάτρης·  
θαῦμα δ' ἔχ' ἀθανάτους τε θεοὺς θνητοὺς τ' ἀνθρώπους,  
ὡς εἶδον δόλον αἰπὺν, ἀμήχανον ἀνθρώποισιν.  
ἐκ τῆς γὰρ γένος ἐστὶ γυναικῶν θηλυτεράων,  
[τῆς γὰρ ὀλοῖόν ἐστι γένος καὶ φῦλα γυναικῶν,]  
πῆμα μέγα θνητοῖσι, σὺν ἀνδράσι ναιετάουσαι,  
οὐλομένης Πενίης οὐ σύμφοροι, ἀλλὰ Κόροιο.  
ὡς δ' ὀπότε' ἐν σμήνεσσι κατηρεφέεσσι μέλισσαι  
κηφῆνας βόσκωσι, κακῶν ξυνήονας ἔργων·  
αἱ μὲν τε πρόπαν ἡμᾶρ ἐς ἡέλιον καταδύντα  
ἡμάτια σπεύδουσι τιθεῖσί τε κηρία λευκά,  
οἱ δ' ἔντοσθε μένοντες ἐπηρεφέας κατὰ σίμβλους  
ἀλλότριον κάματον σφετέρην ἐς γαστέρ' ἀμῶνται·  
ὡς δ' αὐτῶς ἄνδρεςσι κακὸν θνητοῖσι γυναῖκας  
Ζεὺς ὑψιβρεμέτης θῆκε, ξυνήονας ἔργων  
ἀργαλέων. ἕτερον δὲ πόρεν κακὸν ἀντ' ἀγαθοῖο,  
ὃς κε γάμον φεύγων καὶ μέρμερα ἔργα γυναικῶν  
μὴ γῆμαι ἐθέλη, ὀλοὸν δ' ἐπὶ γῆρας ἵκηται  
χῆται γηροκόμοιο· ὁ δ' οὐ βίότου γ' ἐπιδευῆς  
ζῶει, ἀποφθιμένου δὲ διὰ ζῶην δατέονται  
χηρωσταί. ᾧ δ' αὖτε γάμου μετὰ μοῖρα γένηται,  
κεδνὴν δ' ἔσχεν ἄκοιτιν, ἀρηρυῖαν πραπίδεςσι,  
τῷ δέ τ' ἀπ' αἰῶνος κακὸν ἐσθλῶ ἀντιφερίζει  
ἐμμενές· ὃς δὲ κε τέτμη ἀταρτηροῖο γενέθλης,  
ζῶει ἐνὶ στήθεσσιν ἔχων ἀλίσστον ἀνίην  
θυμῷ καὶ κραδίῃ, καὶ ἀνήκεστον κακὸν ἐστίν.  
ὡς οὐκ ἔστι Διὸς κλέψαι νόον οὐδὲ παρελθεῖν.

οὐδὲ γὰρ Ἰαπετιονίδης ἀκάκητα Προμηθεὺς  
τοῖο γ' ὑπέξήλυξε βαρὺν χόλον, ἀλλ' ὑπ' ἀνάγκης  
καὶ πολυίδριν ἔοντα μέγας κατὰ δεσμὸς ἐρύκει.

**Hes. *Op.* 47-105, trans. Pinheiro et Ferreira 2005, 93-96.**

Mas Zeus, irado em seu coração, escondeu-o,  
porque o tinha enganado Prometeu de astutos pensamentos.  
Por isso meditou para os homens penosos cuidados  
e ocultou-lhes o fogo. De novo o valente filho de Jápeto  
o roubou para os homens, de junto do prudente Zeus,  
numa férula oca, escondendo-o de Zeus que lança o raio.  
Irritado, disse-lhe Zeus que amontoa as nuvens:  
«Filho de Jápeto, conhecedor dos pensamentos entre todos,  
alegras-te por teres roubado o fogo e enganado o meu espírito,  
mas para ti em pessoa será grande pena e para os homens futuros.  
Em vez do fogo, dar-lhes-ei um mal com que todos  
se vão regozijar em seu coração, ao rodear de amor o mal.»  
Assim falou, e reu-se o pai dos homens e dos deuses.  
Ordenou ao ínclito Hefestos que o mais lesto possível  
amassasse terra com água, nela infundisse voz humana  
e vigor e que, semelhante às deusas imortais no aspeto, modelasse  
bela e encantadora figura de donzela. Em seguida, incumbiu Atena  
de lhe ensinar as artes e a tecer a tela de muitos ornamentos;  
a áurea Afrodite de lhe derramar a graça em torno de cabeça  
e o desejo irresistível e os cuidados que devoram os membros.  
De nela incutir cínica inteligência e carácter volúvel  
encarregou Hermes, o mensageiro Argeifonte.  
Assim falou e eles obedeceram a Zeus Crónida e senhor.  
De imediato modelou com terra o ilustre Argeifonte  
uma imagem de virgem casta, como vontade do Crónida.  
Cinge-lhe a cintura e embeleza-a a deusa Atena de olhos garços.  
As divinas Graças e a veneranda Persuasão  
envolveram-lhe o colo com colares de ouro e em sua volta  
as Horas de formosa cabeleira coroaram-na de flores primaveris.  
Todo o tipo de adornos a seu corpo ajustou Palas Atenas.  
E em seu peito incutiu o mensageiro Argeifonte  
mentiras, palavras sedutoras e carácter volúvel,  
por vontade de Zeus tonitruante. Insufiou-lhe voz  
o arauto dos deuses e deu a esta mulher o nome  
de Pandora, porque todos os habitantes das mansões Olimpo

Seminários CH-ULisboa | História Antiga | *Pandora y la construcción del ideal. El  
vestido y el adorno como marcas identitárias* | *No rastro de Augusto Mercurio*

doaram a dádiva, ruína para os homens comedores de pão.  
Em seguida, concluído o engano difícil e sem remédio,  
até Epimeteu envia o Pai dos numes o ilustre Argeifonte,  
arauto veloz dos deuses, a levar a dádiva; e Epimeteu  
não se recordou de que Prometeu lhe dissera para nunca  
aceitar qualquer dom vindo de Zeus Olímpico, mas lho mandasse  
de volta, para que não viesse qualquer mal aos homens:  
só depois de o ter recebido, quando já tinha o mal, se deu conta.  
Antes de facto habitava sobre a terra a raça dos homens,  
a resguardo de males, sem a penosa fadiga  
e sem dolorosas doenças que aos homens trazem a morte.  
Mas a mulher, levantando com a mão a grande tampa da jarra,  
dispersou-os e ocasionou aos mortais penosas fadigas.  
E ali só a Esperança permaneceu em morada indestrutível  
dentro das bordas, sem passar a boca nem para fora  
sair, porque antes já ela colocara a tampa na jarra,  
por vontade do deus da égide, Zeus que amontoa as nuvens.  
Outras infinitas tristezas vagueiam entre os homens;  
e cheia está a terra de males, cheio se encontra o mar;  
as doenças entre os homens, de dia e de noite,  
vão e vêm por si, trazendo males aos mortais  
em silêncio, já que da voz privou o prudente Zeus.  
E assim nada consegue evitar a inteligência de Zeus.

ἀλλὰ Ζεὺς ἔκρυψε χολωσάμενος φρεσὶ ἧσιν,  
ὅττι μιν ἐξαπάτησε Προμηθεὺς ἀγκυλομήτης·  
τοῦνεκ' ἄρ' ἀνθρώποισιν ἐμήσατο κήδεα λυγρὰ,  
κρύψε δὲ πῦρ· τὸ μὲν αὖτις εὖς πάϊς Ἰαπετοῖο  
ἔκλεψ' ἀνθρώποισι Διὸς παρὰ μητιόεντος  
ἐν κοίλῳ νάρθηκι, λαθῶν Δία τερπικέραυνον.  
τὸν δὲ χολωσάμενος προσέφη νεφεληγερέτα Ζεὺς·  
“Ἰαπετιονίδη, πάντων πέρι μήδεα εἰδώς,  
χαίρεις πῦρ κλέψας καὶ ἐμὰς φρένας ἠπεροπεύσας,  
σοὶ τ' αὐτῷ μέγα πῆμα καὶ ἀνδράσιν ἐσσομένοισιν.  
τοῖς δ' ἐγὼ ἀντὶ πυρὸς δώσω κακόν, ᾧ κεν ἅπαντες  
τέρπωνται κατὰ θυμὸν ἐὸν κακὸν ἀμφαγαπῶντες.”  
Ὡς ἔφατ', ἐκ δ' ἐγέλασσε πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε·  
Ἥφαιστον δ' ἐκέλευσε περικλυτὸν ὅτι τάχιστα  
γαῖαν ὕδει φύρειν, ἐν δ' ἀνθρώπου θέμεν αὐδὴν  
καὶ σθένος, ἀθανάτης δὲ θεῆς εἰς ὅπα εἰσκειν

παρθενικῆς καλὸν εἶδος ἐπήρατον· αὐτὰρ Ἀθήνην  
ἔργα διδασκῆσαι, πολυδαίδαλον ἰστὸν ὑφαίνειν·  
καὶ χάριν ἀμφιχέαι κεφαλῇ χρυσέην Ἀφροδίτην  
καὶ πόθον ἀργαλέον καὶ γυιοβόρους μελεδῶνας·  
ἐν δὲ θέμεν κύνεόν τε νόον καὶ ἐπίκλοπον ἦθος  
Ἑρμείην ἦνωγε, διάκτορον Ἀργεῖφόντην.

᾿Ως ἔφαθ', οἳ δ' ἐπίθοντο Διὶ Κρονίῳ ἄνακτι ...  
[αὐτίκα δ' ἐκ γαίης πλάσσε κλυτὸς Ἀμφιγυῆεις  
παρθένῳ αἰδοίῃ ἵκελον Κρονίδεω διὰ βουλᾶς·  
ζῶσε δὲ καὶ κόσμησε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη·  
ἀμφὶ δὲ οἱ Χάριτες τε θεαὶ καὶ πότνια Πειθῶ  
ὄρμους χρυσείους ἔθεσαν χροῖ· ἀμφὶ δὲ τήν γε  
᾿Ωραι καλλίκομοι στέφον ἄνθεσι εἰαρινοῖσιν·  
πάντα δὲ οἱ χροῖ κόσμον ἐφήρμοσε Παλλὰς Ἀθήνη·]  
ἐν δ' ἄρα οἱ στήθεσσι διάκτορος Ἀργεῖφόντης  
ψεύδεά θ' αἰμυλίους τε λόγους καὶ ἐπίκλοπον ἦθος  
τεῦξε Διὸς βουλῆσι βαρυκτύπου· ἐν δ' ἄρα φωνήν  
θῆκε θεῶν κῆρυξ, ὀνόμηνε δὲ τήνδε γυναῖκα  
Πανδώρην, ὅτι πάντες Ὀλύμπια δώματ' ἔχοντες  
δῶρον ἐδώρησαν, πῆμ' ἀνδράσιν ἀλφηστῆσιν.  
αὐτὰρ ἐπεὶ δόλον αἰπὺν ἀμήχανον ἐξετέλεσσαν,  
εἰς Ἐπιμηθεά πέμπε πατήρ κλυτὸν Ἀργεῖφόντην  
δῶρον ἄγοντα, θεῶν ταχὺν ἄγγελον· οὐδ' Ἐπιμηθεὺς  
ἐφράσαθ' ὥς οἱ ἔειπε Προμηθεὺς μὴ ποτε δῶρον  
δέξασθαι παρ Ζηνὸς Ὀλυμπίου, ἀλλ' ἀποπέμπειν  
ἐξοπίσω, μὴ πού τι κακὸν θνητοῖσι γένηται·  
αὐτὰρ ὁ δεξάμενος, ὅτε δὴ κακὸν εἶχ', ἐνόησε.

Πρὶν μὲν γὰρ ζῶεσκον ἐπὶ χθονὶ φύλ' ἀνθρώπων  
νόσφιν ἄτερ τε κακῶν καὶ ἄτερ χαλεποῖο πόνου  
νοῦσων τ' ἀργαλέων, αἶ τ' ἀνδράσι κῆρας ἔδωκαν.  
[αἶψα γὰρ ἐν κακότητι βροτοὶ καταγῆράσκουσιν.]  
ἀλλὰ γυνὴ χεῖρεσσι πίθου μέγα πῶμ' ἀφελούσα  
ἐσκέδασ', ἀνθρώποισι δ' ἐμήσατο κήδεα λυγρά.  
μόυνη δ' αὐτόθι Ἑλπίς ἐν ἀρρήκτοισι δόμοισιν  
ἔνδον ἔμεινε πίθου ὑπὸ χεῖλεσιν οὐδὲ θύραζε  
ἐξέπτῃ· πρόσθεν γὰρ ἐπέμβαλε πῶμα πίθου  
[αἰγιόχου βουλῆσι Διὸς νεφεληγερέταο].  
ἄλλα δὲ μυρία λυγρά κατ' ἀνθρώπους ἀλάλῃται·  
πλεῖθ μὲν γὰρ γαῖα κακῶν, πλεῖθ δὲ θάλασσα·  
νοῦσοι δ' ἀνθρώποισιν ἐφ' ἡμέρη, αἶ δ' ἐπὶ νυκτὶ

αὐτόματοι φοιτῶσι κακὰ θνητοῖσι φέρουσαι  
σιγῇ, ἐπεὶ φωνὴν ἐξείλετο μητίετα Ζεὺς.  
οὕτως οὐ τί πη ἔστι Διὸς νόον ἐξαλέασθαι.

# PAULO MARTINS

Universidade de São Paulo

[paulomar@usp.br](mailto:paulomar@usp.br)

## NO RASTRO DE AUGUSTO MERCÚRIO

A minha preocupação nesta conferência é analisar a representação de Augusto como Mercúrio e o que isso pode sugerir e significar para os romanos, tendo em vista a epigrafia, a numismática e a literatura. Além disso, fazer a revisão de três trabalhos que, em certa medida, operaram essa questão, a saber, Bandinelli, Zanker e Martins. Ainda que as associações entre divindade e governante sejam muito comuns - Augusto representado como Apolo, Júpiter ou Netuno; Tibério como Apolo; Cláudio, Júpiter; ou Cômodo à semelhança de Hércules -, a discussão sobre a relação entre Augusto e Mercúrio é bem rara na bibliografia recente. As reflexões mais profícuas sobre esse tema remontam à primeira metade do século XX, de maneira que o trabalho de Chittenden sobre numismática e o artigo de Grether a respeito de epigrafia são muito importantes. Assim, novas evidências devem ser consideradas a fim de que tenhamos um panorama mais atento dessas representações no mundo romano.

## BIBLIOGRAFIA DE APROFUNDAMENTO

- Bandinelli, Ranuccio Bianchi. 1988. *Roma: L'Arte Romana nel Centro del Potere*. Milano: BUR,
- Chittenden, Jacqueline. 1945. "Hermes-Mercury, Dynasts, and Emperors." *Numismatic Chronicle* 5(2): 41-57. <http://www.jstor.org/stable/42661216>.
- Grether, Gertrude. 1932. "Pompeian Ministri." *CPh* 27(1): 59-65.
- Paulo Martins. 2017. "Augusto como Mercúrio enfim." *Revista de História* 172:1-43. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.116333>.
- . 2017. *Imagem e Poder: considerações sobre as representações de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp. DOI: <http://dx.doi.org/10.13140/2.1.3959.5844>.
- Zanker, Paul. 1990. *The power of images in the age of Augustus*. Trad. Alan Shapiro. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

# NOTAS



# NOTAS

# NOTAS

# NOTAS

## ORGANIZAÇÃO:

Nuno Simões Rodrigues

Este seminário é apoiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto UID/HIS/04311/2013.

*This seminar is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under the project UID/HIS/04311/2013.*

